

Editorial

E o vírus veio para nos fazer pensar de forma diferente.

Estamos sendo obrigados a rever conceitos e *modus operandi* em todas as áreas das nossas vidas. Nunca foi tão difícil realizar tarefas simples que estávamos acostumados a praticar diariamente. E aqui, aproveito o gancho para falar da enorme mudança que ocorreu na forma de ensinar.

Ainda que muitas instituições já se utilizassem de métodos de ensino à distância, ninguém planejou uma migração abrupta em massa de cursos tradicionais para a Internet.

Em praticamente todos os países afetados pela epidemia, o setor de ensino teve que buscar alternativas para continuarem seus programas educacionais.

Centenas de milhares de estudantes abandonaram seus assentos escolares e estão agora em suas casas sob o regime de distanciamento social ou mesmo quarentena. Sem saberem quanto tempo isso vai durar, instituições e alunos iniciaram suas comunicações online e, pretendem cobrir toda a grade escolar referente ao semestre.

Sabemos que nem todos os alunos poderão acessar ou se beneficiar de cursos online. Estudantes de graduação em universidades de primeira linha certamente não terão problema em ficar online para concluir seu trabalho. Mas sabemos também que uma porção considerável desse universo possui dificuldades relacionadas à tecnologia. Seus planos de dados são limitados, seus computadores quebram ou suas conexões falham. Aqueles com desafios tecnológicos são principalmente os de baixa renda e os mais vulneráveis ao abandono escolar. Esses estudantes precisam de cursos que não sejam apenas acessíveis, mas também bem projetados.

Universidades em países desenvolvidos vêm investindo nessa plataforma há mais de uma década. As faculdades também adotaram os chamados sistemas de gerenciamento de aprendizagem, plataformas virtuais que ajudam os professores a interagir com os alunos no campus e fora dele.

É preciso prática e habilidade para ensinar, efetivamente, à distância. Também é necessário praticar para aprender à distância. Existe uma operação inerente ao aprendizado no

campus, que mantém os alunos conectados à comunidade acadêmica. Alguns alunos se adaptam facilmente a um ambiente virtual. Outros não.

Grande parte das faculdades possuem estrutura de ensino on-line, porque são lucrativas. É por isso que as faculdades privadas entraram no mundo virtual mais cedo.

É impossível transformar um curso universitário formal em um projeto virtual da noite para o dia. Essa escala requer tempo e dinheiro antecipadamente. Em muitos campi existem profissionais específicos, trabalhando em tempo integral, que ajudam os professores a mapear cursos e programas, a criar módulos de aprendizado, exercícios on-line, laboratórios virtuais e avaliações.

O que dizer das universidades públicas, forçadas a se mudar para a Internet por causa da pandemia de coronavírus?

A maioria delas não têm tempo ou recursos necessários para mapear todos os seus cursos e criar versões on-line, dinamicamente, que possam acomodar muitos estudantes. Elas não tiveram tempo de treinar seus professores para ensinar ou seus alunos para aprender. A partir de agora, professores e administradores desenvolverão muitas soluções inovadoras para o súbito desafio que a pandemia criou. Mas, não se pode afirmar que as faculdades migrarão totalmente seus métodos educacionais para a modalidade on-line. Tudo o que eles realmente estão fazendo é conduzir a educação tradicional à distância. E isso, por si só, já é difícil.

Por fim, diante da situação que estamos vivendo, fica evidente a importância de investimentos em Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil. Trata-se de uma questão estratégica, pois aqueles que investem mais, possuem melhores armas para enfrentar as batalhas.

Ademais, o baixo volume de investimentos nessa área, tem estimulado uma fuga de cérebros, ou seja, nossos profissionais buscam países que ofereçam centros de pesquisa com melhores condições de trabalho. Consequentemente, são reduzidas as chances de o Brasil desenvolver, internamente, tecnologias e abordagens inovadoras.

Contudo, vale ressaltar que, com toda essa dificuldade, temos que valorizar os esforços dos nossos pesquisadores, pois dados da National Science Foundation (NSF), mostram que o Brasil, entre 2008 e 2018, aumentou em 69,4% o número de artigos científicos publicados em veículos nacionais e internacionais, ocupando o 11º lugar no ranking de publicações científicas, à frente de Canadá, Espanha, Austrália e Irã.



Elenice Rachid da Silva Lenz
Editora Chefe da RIC